

BR2700062

E15;E50/B/M/V

BRITTO, J.S.

DIALOGO COM O POVO COOPE-
RATIVAS; CRÉDITO COOPERATIVO;
BRASIL

RIO DE JANEIRO. GB (BRAZIL) TYP.

BENEDICTO DE SOUZA

1927 26 P. (PT)

/G514

MICROECONOMIA; SOCIOLOGIA RURAL;
COOPERATIVAS ;
BAIXA RENDA; CREDITO COOPERATIVO.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



DIALOGO COM O POVO

A Cooperativa é uma sociedade commercial *sui-generis*, de pessoas não de capitaes, com determinado fim economico contrario á especulação privada, sem prejuizo do mobil de procura de vantagens materiaes, e moraes ou lucro permanente communs a todos os socios, para melhorar qualquer genero de condições mais de accordo com as necessidades.

(De conformidade com a definição juridica italiana.)



RIO DE JANEIRO
Benedicto de Souza
Rua da Misericórdia, 51
1927

E15
BR2700062
MNN*

MA/PROJ. PNUD/FAO/BRA/72/020/1/12
- SNIDA

N.º T. 8191

R.P. nº

los meu digno e talentoso propagador
pouco e Sr. Fabris Luz Filho
offere em homenagem e
de reconhecimento

Dialogo com o Povo

Josep
Pino, 9 de

*Aos que tambem no Brasil
lutam francamente pela Coope-
ração equalitaria, contra os «ca-
valleiros» do voto plural...*

*Aos abolicionistas de hontem
e hoje, em nome verdadeira
Religião!*

Em um banco de jardim, publicoteclia uma notas de estudo. A meu lado um velho operario se entretinha com as noticias da «Vanguarda». Na penumbra crepuscular, véo d'alma do Universo, as flores da piedade irradiavam em roda...

De repente, o ancião cessou a leitura e poz-se como que a fitar diante de si o vacuo social... O seu olhar parecia mesmo afogar-se nesse inhospito vão em que padece o homem a traba- lhar como um escravo.

Ao envez d'um cigarro, offereci-lhe então um exemplar de estatutos d'uma cooperativa do Trabalho, que elle acceitou prazenteiro, relan-ceando com attenção as respectivas disposições.

— E verdade. Exclamou. Porque isso não se realiza? Uma cooperativa do Trabalho, ou de consumo, são tanto como a ferramenta do proletário.

— Já fez parte de alguma?

— No pensamento... Aqui, temos a cooperação da chimera e da desilusão.

— O paraíso tantálico....

— Um amigo europeu, crente e livre como uma andorinha, contou-me a vida das cooperativas proletárias, européas; umas surgidas da própria classe, outras até criadas por obra piedosa.

Venham donde vier. Basta que o seja sinceramente.

— Que diz dos taes bancos populares, de que tanto se tem falado ?

— São o inverso de tudo o que contou o seu amigo a respeito do que se passa na Europa em materia de cooperativa

— Ao que parece, nelles, a questão é só de apresentar fiador... Que differença entre essas pretensas cooperativas e as caixas obreiras, christãs do norte europeu, onde, segundo a affirmacão de meu amigo, a propria responsabilidade illiminada é baseada na honrades do proletario!

— De facto.

— Que especie de gente promoveu essa agiotagem em nome da cooperação, são judeus?

— Não. Catholicos brasileiros, e puzeram a poetica Therezinha de Jesus como padroeira

desse tal credito cooperativo impopular sob o nome de Raiffeisen e Luzzatti...

— E a lei e a Igreja o permitem ?

— Parece que sim. Verdade é que se trata de regulamentar essa lei iniqua das cooperativas, a qual devia ser reformada. Mas, pela lei recente da fiscalização do credito agricola cooperativo, os dois systemas, quaes o de Luzzatti e Raiffeisen, têm que ser respeitadas integralmente. Ahi é que começa a quarta-feira de cinzas para os que se aproveitaram das omissões do decreto numero 1637, de 5 de Janeiro de 1907... Não se sophisma com nomes respeitadas no mundo culto.

A astucia não illude a verdade.

— Ainda bem.

— E antes de se tratar da regulamentação, já a inspectoría bancaria, surpreza com a bizarra attitude desses organismos hybridos, denunciou-os patriótica, humanitariamente por virtude de não achar entre elles e os bancos communs differença alguma... Até em alguns bancos em que as despesas são maiores que as destes institutos, as vantagens são superiores. E o cumulo ! Além disso, pretendem centralizar, drenar, para a sua agiotagem, embora attenuada pela cohibição que têm soffrido moralmente, todas as economias das caixas ruraes do interior, cujas estatísticas apresentadas pelos mirabolantes congressos de credito cooperativo, não parecem corresponder inteiramente á verdade pois de muitas caixas não ha signal de vida. Basta, em summa, exami-

nar os estatutos das caixas de que se tem alguma noticia ou dos bancos, estatutos da mesma procedencia erronea, tendenciosa, comparando-os com os das verdadeiras caixas Raiffeisen e authenticos bancos Luzzatti. Agora, o que um diz do outro por ahi, ainda é peor. Deixemos, pois, que as comadres se avenham em boa hora. Sabe, queriam substituir o registro e a fiscalização dessa cooperação deturpada por um simples archivo... Que paciencia tem tido o governo com tal gente!

— Não pagam impostos?

— Ahi é que a porca torce o rabo. Querem gosar das regalias relativas aos institutos authenticos, sob o nome dos mestres, e viver deturpando os seus principios de toda maneira ! E um bello precedente para um novo ensilhamento, fallindo assim a esperança de se ver aqui, como na Europa, o verdadeiro credito cooperativo a propulsionar homogeneamente o multiplo dynamico economico das federações por especie e confederação das mesmas. E defendem essa engrenagem dos depositos a altos juros que forçam a juros altos de emprestimo, com a comedia dos dividendos baixos com que se dizem consolar os esforçados...

— E contam de tal sorte com Therezinha de Jesus ? Que differença entre os nossos catholicos cooperativistas e os que lá realizaram as caixas Raiffeisen proletarias, só buscadas na honradez do bom obreiro!.....

— E que lá, administra o coração, órgão chistão que não póde aberrar, e aqui delibera o egoismo. Lá o voto nunca deixou de ser singular. Aqui, logo com o primeiro banco popular nasceu o famigerado voto plural. Os seus iniciadores privilegiados, têm o dinheiro a presumpção «de reter o credito cooperativo em meia duzia de mãos dignas»...Lá a sociedade é de pessôas e não de capitaes. Aqui ella é de capitaes dessa meia duzia de privilegiadas mãosinhas, contra milhares de pessôas...E o famoso decreto n.1637, facultou com as suas indesejaveis omissões a choldra legislativa, uma colcha de retalhos da lei sobre sociedades anonymas, com as mesmas propriedades da boqueta de Pandora, contra verdadeiro espirito educador, moral e economico das cooperativas, que são sociedades commerciaes sui-generis, e nada têm de anonymas, nem de sociedades em commandita, coisa que nunca se viu... A cooperativa é um mixto de sociedade civil e commercial. E' baseada nesse duplo character que aliás nenhuma lei soube ou quiz definir, pois certa legislação não passa de teimosa consagração de direitos archaicos que a evolução transforma em privilegio colectivo. Os lucros da cooperativa, jamais fruto da especulação privada, revertem sempre em favor do erario colectivo, com o fim de satisfazer, da melhor forma possivel, as necessidades complexas e communs a todos os socios, sem differença de categoria.

A sua reserva tem que ser indivisível para evitar a insidia das liquidações indebitas, que o voto singular impede e mais o direito que têm sete socios de embargar a dissolução da cooperativa. O fundo de beneficencia deverá comportar as quantias necessarias ao desenvolvimento da obra colletiva. A cooperativa é uma ambulancia economica que sana os males da ignorancia, da miseria e da concurrencia crua, sob qualquer regimen, inclusive o russo actual...De forma que, com o citado decreto, que a devia precisar efficientemente, em favor do doce sodalicio do nosso pobre povo lutador, ficou, ao envez, criado o surrateirohybridismo, que vem ludibriando a doutrina, a qual tem os seus direitos firmados na sabedoria dos povos avoengos. Não ser cooperativa e passar por isso, é lesar o publico e o fisco, tanto como a alfandega e outros antros administrativos, donde sahem os autos de luxo e os palacios de marmore da propriedade privada... A colméa pacifica, divinamente harmoniosa, que a cooperação organisa, ficou assim interdicta, entre nós outros, por virtude de uma lei dubia, que só auxilia a politica dos parasitas...

—Então a cooperação tornou-se uma «blegue» ?

—Peor ainda, pois o que se fez é contrario ao seu proprio espirito. Para isto basta examinar as conclusões e sugestões desses congressos, em que os phariseus jogaram com os nomes de

Luzzatti e Raiffeisen, como se jogassem a vermelhinha ! Isto sem offensa. Apenas para "focalisar" a agilidade do sophisma... E' tempo de se reparar essa mystificação, que representa interesses politicos economicos, sybariticos, contrarios ao espirito da nossa verdadeira democracia, a qual eguala os direitos e deveres dos brasileiros. Mas, se o povo souber fundar, por si, as suas legitimas cooperativas, que afinal a lei das sociedades anonyms sob o rotulo de cooperativas não impede, a vida ha de sorrir aqui tambem para quem trabalha... Os passaros oratorios e outros que levam pr'ahi a plagiar a obra alheia em proveito das suas ambições, decerto preferem que os proletarios continuem a carpir na escravidão que lhes dá os votos e os nikeis...

Demais, a cooperação não atira uma classe contra outra, nem alimenta o odio — com o que compromette a obra dos iconoclastas e mystificadores.. Que lhes importa a forma de sociedade que livra o trabalho e a sua produção, como o consumo, dos que os exploram deshumanamente com os seus capitaes sanguessugas, accumulados sem uma gota de suor ? Os palradores de bico doirado, ou de mandibulas tortas, o que querem—é um motivo para fazer phrases de effeito, «posar» na tribuna regiamente paga, intrigando as massas com o governo, e deste e daquellas ir tirando o partido que podem... Mas, o modo de prover sinceramente o povo de cooperação, contrariando a demago-

gia fiteira e os deturpadores parasitarios, tem uma significação inconfundivel. Abençoado seja quem promove o bem desassombradamente, assumindo com galhardia a responsabilidade dos seus actos. . . contra os que já tentaram de ser juizes em causa propria !...

— Os deturpadores são ainda os mais indesejaveis... Que o governo os não poupe, se quiser estabilisar a moral do povo por meio da cooperação. Se o direito exprime nossa fraqueza, o dever exprime nossa força...

— Nenhum governo bem intencionado despreza a verdadeira cooperação, e esta já se define juridicamente, apesar dos rabulas negarem este facto sociologico, tanto como as leis que pedem reforma por servir ainda de duplo senso. Por ventura, é que tanta intelligencia, tanta actividade, tanto ardor na luta não sejam postos ao serviço do "amor ao proximo...."

Fica-se pasmado, uma vez que tal propaganda da desvirtuada tenha partido justamente dos que deviam dar o melhor exemplo. Uma cooperativa é uma especie de sociedade que a lei tem que definir como Já definio a sociedade anonyma, em commandita, por quota, toda e qualquer sociedade com mercial e suas respectivas transacções. Quando chegará o dia desedar o nome aos bois ? Só nesse dia a chicana têm que pôr a viola no sacco...

— Para que sardinha puxam a braza?

— E' o caso de se dizer ao povo soberano, que não é o peor juiz... uma vez que os accusados é que pretendem accusar! Enfim tudo isso é obra ingrata da controversia dos «giron-dinos» da cooperação — Que o povo reflecta bem, diante de mais esse edificante espectuculo...

E partimos, depois d'um aperto de mão.

Ipanema, Abril de 1927.

NOTA

«A União de 23 de maio de 1927, publicada na Capital Federal, além de se referir du-biamente a respeito da tentativa de se pluralizar o voto nas cooperativas da Italia, vã tentativa que levantou uma immensidade de Juristas e co-operadores contrarios a essa trahição aos prin-cipios fundamentais, fez constar que em 1848 os operarios demonstraram plenamente a sua inaptidão para fundar cooperativas... Outrosim, em tal artigo, houve intenção manifesta de fe-rir a discreção dos que, a bem da disciplina constitucional trabalham no sentido de remen-dar possivelmente uma lei falha que compromete sua regulamentação. Mas, só os que têm conhecimento do esforço de cada um de nós,

podem avaliar a nossa fé e conducta. Por isso repetamos o dito de certo caracterista, tambem nesse caso : «deixal-os falal-os... »

O topico relativo á discussão do voto plural na Italia, teve lugar, segundo nos constou, graças a uma tradição privativa do serviço publico e que fizemos com a rapidez de quem anda sobre brazas... Por isso sahio mui imperfeita, porém, corrigimol-a devidamente depois disso e aguarda a mesma publicação, com a necessaria venia, o que é difficil na, imprensa de hoje onde os artigos de interesse publico são algumas vezes até desviados dos seus fins...

A alludida traducção não passou d'um excerpto da «Revista del Diritto Commerciale e del Diritto Generale delle Obligazioni », n. 1 e 2, anno XXVI, estampada em Roma, com data de 8 de março de 1926.

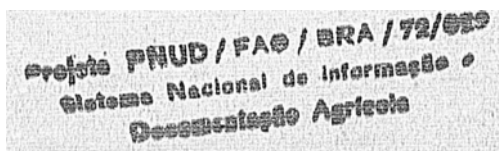
Ora, nesse artigo, assignado por Leone Bolaffio, relator do projecto do novo codigo, o eminente articulista italiano frizou bem a caracteristica das cooperativas, e unanimidade dos conceitos concernentes ao voto singular e outras regras inconfundiveis, peculiares a essa instituição — mater, ao que já nos referimos, paginas 9, das «Caracteristicas fudamentaes das sociedades cooperativas em geral», referencias que fizemos apenas de memoria, como se poderá verificar. Assim, diante da repulsa que a anomalia do pretenso voto plural provocara, ninguém podia prever outra cousa senão a sua der-

rota. E' no sentido de provar tal fracasso, que Leone Bolaffio fez sentir, no seu artigo em questão, a contradicção em que cabira o Snr. Meda, director do Banco Popular de Milão, que ora opinou a favor do voto plural ou o condemnou em termos taes que pudemos nos prevalêcer delles exactamente para pôr em evidencia a inefficacia dessa *conspiração* contra o voto singular...

No artigo da «União» decerto se não perdeo tambem a oportunidade para o menoscabo capcioso dos ideas de emancipação operaria.

Só quem ignora a desordem que ferio o mundo do trabalho em 1830, época, como diz Hubert-Valleroix, em «La Cooperation», de grande prosperidade material, porém adquirida a custa de muitos soffrimentos dos operarios, poderia denegrir a obra proletaria de associação, exigida nessa época em que o machinario substituiu o trabalho manual.

Sim, a machina substituiu o trabalho manual: antigos artifices, que se tornaram enriquecidos padrões, não tinham nenhuma contemplação para com os seus operarios, esquecendo então a propria origem. Salarios parcos, os «novos-patrões» impunham, tirando todo partido das industrias nascentes, servindo-se assim dos operarios, como de verdadeiros instrumentos: «Era a consequencia das idéas materialistas que haviam sido gravadas á força no espirito



dessa geração; lhe haviam ensinado que devia pensar só em se enriquecer».

J. P. *Buchez* queria, nesse tempo, que se occupasse dos salarizados, que se melhorasse a sua condição, «porém como ? Dirigir-se consciencia dos patrões e lembrar o dever delles, era demorado e incerto; julgou assim que se conseguisse isso mais facilmente, por meio de outra organização na forma de executar-se o trabalho», conforme citação do mesmo autor.

«De accordo com tal modo de vêr, os operarios da mesma localidade, pertencentes aos officios manuaes, bem relacionados — uns com os outros e animados d'uma fê commum, deviam fazer entre elles um contrato de sociedade de accordo com as regras do Codigo de Comercio».

«Deviam alugar um local, fornecer as ferramentas, e os objectos fabricados em commum, sob a direcção d'um *gerente* eleito pelos seus companheiros, seriam vendidos em beneficio da Associação».

“Os operarios associados receberiam em épocas habituaes, todas as quinzenas, semanas ou mezes, o equivalente do salario jornaleiro que costumavam antes receber do patrão, e o superfluo, representando os lucros, se dividiria em duas partes: uma para os associados, a outra para formar um «*Fundo indivisivel*».

Este fundo indivisivel, no entender de *Buchez* e seus discipulos, se chamava: «a sagrada

arca que é preciso sempre augmentar e nunca diminuir e sem a qual o principio salvador da associação não teria a sua virtude», fundo destinado a permittir á Associação «tal extensão, que ella acabou por congrassar todos os operarios exercendo a mesma profissão numa mesma localidade. Essas associações, se o governo lhes fosse favoravel, teriam o direito de posse, poderiam regrar as condições do trabalho, organizar as instituições de previdencia e assistencia. Enfin, os operarios manuaes, ao envez de serem salarizados, sem ter o futuro garantido, passariam a proprietarios entre si dos seus instrumentos do trabalho e formariam instituições destinadas a garantir sua velhice ou a os ajudar nas difficuldades da vida». Essas associações viveram por muito tempo sem a denominação propria, fugindo a perseguição que soffreram, até que em 63 tomaram o nome de cooperativas, introduzido no continente por Casémir Perrier, quando se tomou conhecimento da de consumo de Rochdale.

Que se fez de melhor a tai respeito até hoje? Eis a origem desse regimen simples e tão calumniado pelos falsos apóstolos do cooperativismo, os quaes só sabem acaparar a economia de incautos cooperadores, tornando assim a propria sociedade intermediaria, pois sobretudo no credito popular, onde não ha regulamentos para as operações, criou-se uma categoria privilegiada de socios, aos quaes o voto plural ga-

rante uma verdadeira olygarchia administrativa, que delibera até com desprezo da propria assembléa de socios...

E são esses cooperadores que sempre procuraram diffamar a humilde obra dos que estudam e tratam de ligar desinteressadamente o serviço publico com os centros capazes de orientar aqui o movimento cooperativista, obtendo-se só por esse meio os melhores modelos e á prova de experiencia. o que está de facto em vigor, sem deturpação dos principios fundamentaes nem burla da acção official.

Querem fazer taboa raza da suprema verdade. Agora são as associações operarias, as primitivas que se formaram em 1848, que soffrem tambem a surrateira urdidura dos astuciosos contraventores do systema puro. Mas, só um ignorante nessa questão poderia negar que em tal época, ao lado das mais solidas associações, muitas se fizeram a trouxe-mouxe, extinguindo-se. Entretanto, ha ainda as que, como a dos luneteiros (criada em 1849), continuam, embora surgidas dessa pleiade de associações que offerecem o mais flagrante contraste ás sociedades anonymas, em commandita, por quota e de outras especies hybridas, só capazes de accumular o capital em meia duzia de mãosinhas, para explorar o trabalho alheio, escravizando as officinas ou a economia do publico...

Dizia; então, na Grande França que nos deo a maminha da liberdade, um operario serra-

lheiro, representante do povo, á luz do assombroso vulcão humano que nos alumia sempre:

«A vossa função criadores da Associação, é ao mesmo tempo do martyrio e do apostolado.. é preciso que cada um de vós se esqueça de si mesmo cada hora do dia para pensar nos outros e que diga sem cessar, que o presente deve ser sacrificado ao porvir, como um pae se sacrifica pelos seus filhos».

«Cada um de nós fica pobre para que a Associação se torne rica. Nada teremos para deixar aos nossos filhos, porém guardamos a esperança de lhes legar um futuro melhor e a convicção de que o exemplo que damos frutificará para elles e para o mundo».

Portanto, como diz o autor de «La Coopération », mesmo que se deva aos philosophos do XIX seculo o movimento associativo operario aliás executado pela propia classe obreira, não deixa de ser reconhecido que as «gildes», «mirs» , «artels»,e outras associações plebéas, orientaes, as mais remotas, anteciparam os philosophos por effeitos do agente da ajuda-mutua, que é universal...

Facto extranho: victoriosa a plébe, ha sempre quem tire melhor partido das suas victorias !

J. S. B.

Em 29 de maio de 1927.

O SOL QUE NASCE !..

Ao maestro JOÃO FOUTOURA, fraternizados na opera—"Liberdade!"

O sól nascente estendia sobre o mar uma longa escada de oiro...

Forjo, na companhia do seu humilde cão-sinho, contemplava o amanhecer do universo, de cima do rochedo sobrestante á praia.

— A escada do deslubrimento que céga... Proferio dentro d'alma, sem descerrar os labios.

Tigrinho, o seu cãozinho, dormitava. D'aqui, d'ali, petreas formas lembravam a fauna fossil. Num como ermo somno das infinitas éras que no espirito universal se ligam, uma especie de mastodonte quedava a alguns passos de Forjo, as formidaveis mandibulas voltadas para o chão, e, num plano inferior, lavado de mar, coberto de polychromatica vegetação, um perfeito hydrosauro, visto pela metade dianteira do enorme corpo, como que surgido de sob o rochedo, jazia atravessado na extremidade sul d'uma recondita piscina natural. Alem dessa ponta do

litoral dilatavam-se as duas amplidões: céu e mar. Deste emergia um pequenino grupo de inhabitaveis ilhotas — retencias parallelas á costa...

E aquellas antediluvianas formas, sobrepujando o vasto tapete variegado da rasteira vegetação maritima, attingido pelas marés e tocado apenas numa ponta pelo doce reflexo d'um brando raio de sol, foram envolvidas aos poucos por um halode oiro velho como o mundo... Sem que respirassem, como que emanava dellas assim, toda uma epopéa fóra da vida humana, por ventura tão combalida como a nossa propria existencia!

As vagas farfalhavam com o mesmo som da floresta agitada pela ventania; salvo quando num breve remanso entoava o som arpejante das grótas á flor d'agua, sonoro accorde que motivava o desferir da fuga das espumas, que pelas baixas erosões engrinaldadas de algas vivazes, se iam desfazer na diaphana pupilla da piscina, cujo fundo era havana como um olhar de amor sem tortura, a fitar o céu turquino, ao pé do hydrosaurio de pedra...

Com a alma a conter a visão daquelle universo fóra da orbita commum, Forjo serenava o pensamento mutilado pela falsa civilização, esquecido sobre o rochedo sobrepujante, cujo dorso semi-abobadado era esteril, aspero, vagamente ondulado. Nem se quer um insecto. Nem se quer uma plantasinha mirrada. Só o seu cãosinho dormitava a seu lado sob a caricia

dos raios do s3l nascente que a infinita distancia tornava meigos...

— Tigrinho! humilde amigo fiel. E's o desinteresse em pessoa... Preferes cabriolar, a pedir p3o... A dormir, tu te consolas... Que te importa a moeda ? Um bom olhar amigo, a caricia da minha palma, como a dos raios desse sol nascente, e basta para que sejas a mais feliz das criaturas!

N3o 3 que Forjo falasse naquelle silencio entoado de suavissimos murm3rios. Falava dentro d'alma com os labios cerrados.

De repente, deparou-se-lhe de soslaio a immensa curva branca da praia deserta e, em segundo plano, a avenida litoranea, silhuetada na neblina, recortando-se assim aos seus olhos sedentos de ideal o corriqueiro perfil da estúpida casaria...

Deus ! Exclamou, erguendo-se de vez. Que opprobio diante da tua obra. Que dir3o o mastodonte e o hydrosaurio? Parece at3 que voltaram o dorso 3 fancaria urbana... Eil-os, como que despertados pelo s3l nascentes que liga as 3ras, a fitarem o universo sob o infinito azul que s3 o espirito abrange com o amor que do berço paleoutologico ao homem, transformou – se em mutua caridade. Fez uma longa pausa intima.

— O Mestre revelou a lei suprema que nos toca, continuou Forjo no mais profundo pensar. A justiça que emana da caridade 3 mil vezes

mais justiça... Voltemos, irmãos, á suprema sabedoria, que é espirito, no universo material que antecipa o outro aos nossos olhos ainda palpitantes de iilusões... Com farrapos de consciencia o espirito se não traja. A consciencia é uma clamide de luz que nos livra de todo mal. A consciencia é absoluta e seria maior que o universo material se a nossa misera inteltigencia a auxiliasse melhor .. Ahi está a rocha ! Pedreiros do Bem, avante ! Façamos com ella blocos capazes de sustentar o edificio que a todos convem. Deitemos abaixo a fancaria de pé que a concorrência do Mal mecanicamente erigio e ornou de moedas escaldantes... Com esses blocos virgens, colossaes, estriados de raios de sol nascente, ainda mais velhos que este mundo, construíamos a Casa de Todos, a casa dos que trabalham em misteres verdadeiros, pois o vão dynamismo ou a inercia nada têm que ver debaixo desse tecto. Quem tem, ajuda a quem não tem, e quem não tem, em troca desse auxilio mutuo, ajuda a quem tem, até que tal associação se generalize, organizando o mundo de novo com pessoas, não com a moeda... A cooperativa é o élo moral-economico da cadeia evolucionaria, pacifica que coisa alguma pode impedir. Confundil-a com o Estado, é um erro: com a communa, é outro. O seu mecanismo proporciona tudo ao esforço de cada um, e d'ahi sáe até para os invalidos, a instrucção e o resto. E' mais que um Estado ; é mais que a Communa ;

é a vida complexa e mathematicamente resolvida sem offender ninguém.

Forjo fitava a cidade entorpecida pelo somno matutino, e, numa suprema ancia de justiça social, repudiou como jamais os falsos estagios da hypocrisia evolucionaria... a rabulice legal, conspurcadora dos idéaes nobres, a prol do rico mesquinho e contra o pobre genial, que fia a verdadeira teia da vida.

Que fez a lei dos homens senão proteger a propriedade, que é o producto dos esforços de muitos, infinitos entes activos, e que pelo regimen egolatra se concentra nas mãos de quem nada fez, a não ser gozar o que outros produziram? Todos os que contribuem para a riqueza e o conforto, têm o mesmo direito. O contrario disso é uma burla — é a servidão feudal com todos os seus requintes egoisticos e perversos. E é ainda o que se dá Seculo XX! A co-operação centralizada por uma entidade maxima ao alcance dos verdadeiros principios e que distribuisse as normas homogenas, como secundasse por meio de secções propias os meios financeiros confederativos, dentro d'uma disciplina legal — poria termo ao esbulho. Mas, o que outros povos vêm enxergando como a propria luz, entre nós outros — é tréva. Que um punho de ferro impeça enfim os abusos das classes desfrutadoras, obrigando a systematização cooperacionista entre os explorados por essas classes ! O capital colectivo regido com eleva-

ção, é um dilúvio de benefícios geraes. Os deveres e direitos têm que ser igualmente respeitados e cumpridos por todas as consciências sensibilizadas pelo chistianismo e o raciocínio sociológico. O direito é fraqueza. O dever é força. Antes da cooperação universal, vem a cooperação do coração e do cerebro, em cada um de nós... Assim a besta egoista não poderá impedir a obra de justiça social e de organização económica proporcional ao esforço e dando sufficientemente para os menos dotados, os invalidos, a maternidade e a educação racional sem prejuizo da influencia do espirito christão ou da sabedoria religiosa applicada á orientação da nossa alma que reage contra a opressão material os instinctos crús. Se « o joio cresceu junto ao trigo, arranquemos aquelle, antes de colher etc...» e tratemos sempre de seleccionar a semente que deve ser semeada em terras bem preparadas. Aos validos — trabalho ! A todos, Justiça!

E num vôo supremo do pensamento Forjo invocou a labuta dos campos e oficinas, ao entoar dos canticos de liberdade — na rubra forja, nos trigaes doirados onde o amor sorri entre florezinhas da Primavera, amor que não devora como o polvo...

— Guerreiros, a cooperação é um facto, podeis depôr as vossas armas ! A paz se expande pelo mundo, enquanto o egoismo vae sendo vencido, e a arma serve tambem ao egoismo, pois

tem dois gumes... Os béns da terra são comuns, nada de legislação archaica ! Os povos, regidos por si, se confraternizam: um não escraviza o outro... E' livre a migração, como é livre o trabalho orientado pela evolução pacifica. Se a luz mystica envolve num halo sublime os sentimentos da virtude humana, a razão objectiva, por meio delles, se expurga do que nos prejudica. Forjo, num rasgo de suprema intuição, fitou então os céos — Deus, tomaste a forma humana em Jesus, por Obra Materna da Santa Virgem. Da Tua Luz Infinita quizeste emanar na Sombra do Soffrimento Humano — e de nós outros assim Te approximaste... Mas a Tua Forma é bem outra; pois és Força, és Energia, és o Ether, és Tudo, e a forma humana nada, é... As leis physicas que regem o espaço — és Tu. As leis moraes que nos regem — é Christo — Tu — Mesmo... Basta ! O resto é fantasia... Bem sei que no Mundo dos Espiritos os Santos de todas as Raças são os melhores. Abaixo delles se acham outros genios que tambem nos auxiliam. No saber da Razão e no saber da Consciencia, está o Mundo — és- Tu — Mesmo... Somos poeira que a Tua Luz illumina. E's Fóco e Essencia. E Forjo parecia palpar o fugidio Véo do Mystério — nessa visão amplissima...

E os philosophos gregos não eram assim ? Viviam do seu proprio espirito que venceo as épocas, sem que fossem envoltos nessa colcha

de retalhos da falsa sabedoria... E os hindús- serenos como o azul immenso?

A silhueta manchada de rubro d'uma ca-noa de pescadores, o do leme de pé e os outros a remarem, deslisava na faina. Era a gente sobre cujo halo mystico melhor se revelou Puous de Chavannes, o Tolstoi da palhêta

Nesse instante, vindo se não sabe donde, fendeo os ares um desses ridiculos «gaviões» cesarinos, como que a espreitar a presa, planan-do com azas de latão...

Jose Saturnino Britto

Inedito.

Ipanema. Fev. 1927

Do « Fogo Sagrado ».





Ministério da Agricultura
Secretaria-Geral
BINAGRI — Biblioteca Nacional de Agricultura



PROJETO PNUD/FAO/BRA/72/020
SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO
E DOCUMENTAÇÃO AGRÍCOLA

DOCUMENTO

DOCUMENT

FIM

END OF THE DOCUMENT

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)